

ECUMENISMO: ELEMENTOS QUE GERAM UNIDADE

ECUMENISM: ELEMENTS THAT GENERATE UNITY

Edson Alves Ferreira¹

Kelly Thaysy Cabral Lopes²

RESUMO

O tema do artigo trata de elementos essenciais para um verdadeiro diálogo ecumênico. O objetivo desse trabalho foi buscar caminhos concretos de aproximação com as outras igrejas cristãs já que a unidade só pode ser buscada através desses caminhos que mostram que o que nos une é maior e olhar para a beleza que há no outro é fator primordial para toda e qualquer convivência harmônica. A metodologia empregada foi uma abordagem em linhas gerais dos pontos comuns que nos unem, mostrando o que cada desses elementos contribuem para um caminho de unidade. São eles: a Palavra de Deus, a fé trinitária, o Batismo, as necessidades da existência humana, e a oração. Quanto ao conteúdo, foi analisado o que cada um desses elementos podem nos ajudar para compreender e viver o ecumenismo. A pesquisa teve como referencial teórico a própria Palavra de Deus e alguns documentos da Igreja que nos apontam para o diálogo ecumênico, como também outras bibliografias de apoio.

Palavras-chave: Unidade. Palavra de Deus. Conversão. Oração.

ABSTRACT

The topic of the article deals with key elements for a true ecumenical dialogue. The aim of this work was to seek concrete ways to approach other Christian churches because the unity can only be sought through the pathways that show that what unites us is greater and to look at the beauty that exists in the other one is another key factor for any and all harmonious coexistence. The methodology employed was an approach to the commonalities that unite us, showing what each of these elements contribute for to a drive path. They are the Word of God, the Trinitarian faith, baptism, the needs of human existence, and prayer. As for the content, each of these elements were analyzed on what they can offer us to understand and live ecumenism. The theoretical study was the very Word of God and some church documents that link us to the ecumenical dialogue, as well as other bibliographical support.

Keywords: Unity. Word of God. Conversion. Prayer.

¹ Graduado em teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba – SAPIC

² Professora da disciplina Eclesiologia IV – Ecumenismo no SAPIC. Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB. E-mail: thaysy.lopes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Para muitos cristãos fazer ecumenismo é desnecessário ou perda de tempo, pois cada um teria sua verdade irrenunciável, então pra que dialogar? Pra que buscar uma unidade utópica, inalcançável?

Manter um diálogo maduro, amigável, respeitoso nunca vai ser fácil, até com os mais próximos ou familiares que habitam na mesma casa, pois exige deixar o outro ser de fato outro, e isso não é tão simples, pois a visão utilitarista dos tempos modernos adentrou em nossos relacionamentos e muitas vezes nos aproximamos do outro não pelo que ele é, mas pelo que nos tem a oferecer. Até mesmo no campo do religioso, aderimos a uma igreja pelo que ela tem a me oferecer para suprir minhas necessidades, quando não me serve mais, descarto, busco uma outra e assim por diante.

Faz-se necessário uma conversão pessoal para deixar o outro ser outro, só assim é possível falar de ecumenismo e unidade. Ecumenismo não é uma uniformização onde todos vão ter as mesmas crenças, praticar o mesmo culto, é antes um desejo do próprio Jesus como podemos ver no evangelista João, no capítulo 17, “que todos sejam um, unidade na diversidade, como as três pessoas que são diversas, mas unas no mesmo amor.

Fazer ecumenismo exige pessoas conscientes do que são para que a partir do que nos une, caminhe na unidade conservando a beleza dos diversos.

Tendo por base essas considerações, esse trabalho busca, a partir de elementos comuns aos cristãos mostrar que é possível um caminho de unidade, onde haja mais tolerância, respeito e amor ao diverso. Esse caminho de unidade nos vem pela palavra de Deus, que nos coloca no mesmo discipulado do mestre; pela fé no mesmo Deus trinitário que nos ensina a partir da diversidade das pessoas Divinas o caminho da unidade no amor; no mesmo batismo, que nos faz filhos do mesmo Pai, portanto irmãos em Cristo, aspirando sempre os mesmos sentimentos de Cristo; pelas ações de caridade que visa ser um consolo de Deus nas necessidades da existência humana, pois todos precisamos uns dos outros e é resposta de quem se tornou discípulo o amor ao próximo, socorrê-los em suas necessidades, seja do corpo, da alma ou do espírito, fazer o bem sem olhar a quem; e pela oração comum, eixo integrador de todo ecumenismo, pois é o lugar da intimidade com Deus e com os irmãos, pois o amor a Deus, o desejo de sua intimidade, implica inevitavelmente no amor ao próximo e na busca de um caminhar juntos superando as diferenças.

Ecumenismo, caminho de unidade

Ecumenismo no seu sentido etimológico, do grego Oikoumene, significa: casa, terra, mundo habitado. Partindo, desta perspectiva, fazer ecumenismo em meio a uma pluralidade de igrejas, confissões, vivências; exige primordialmente no espaço cristão, uma verdadeira conversão, pois o que divide, aproximando neste momento a caracterização da diversidade religiosa, indica ser maior, quando o sentido essencial é a unidade³.

Tomando um conceito dos adventistas, revela o mesmo espírito comum sobre a unidade nesse trabalho: “Jamais alcançaremos a unidade a menos que conscientemente trabalhemos no sentido de conseguí-la. E jamais devemos considerar complacentemente que já a alcançamos. Necessitamos orar diariamente

A conversão como propõe a Igreja Católica Apostólica Romana se dá no sentido de não permitir que as diferenças sejam mais relevantes que os pontos de unidade. Conversão, pois é preciso ver no diferente sua beleza, ver no diferente, mesmo que incomode, algo que me ajude a crescer, ver no diferente o meu complemento. É conversão, pois exige dos diversos uma atitude de humildade, desarmamentos e pré-juízos, é conversão porque exige de nós permitirmos o outro de fato ser outro.

É necessário, para fazer ecumenismo, ter uma identidade bem clara do que cada um é e nos ater ao que nos une, pois só assim essa casa habitada pode caminhar numa mesma direção, sendo o que sou, mas acolhendo o outro como ele é, unidos num mesmo ideal, caminhando juntos e na caminhada descobrir o quanto temos que aprender e ensinar uns aos outros.

Buscando o que nos une: a existência, a caridade, o desejo de fidelidade, o amor, o bem que é inerente a todo ser humano, temos assim elementos para dialogar com os irmãos de outras religiões, até mesmo o que se denominam a-religiosos ou mesmo com os ateus. Seria até mais interessante, porque se pareceria mais com a casa que conhecemos, esse mundo que vivemos, esse mundo que não é feito só de cristãos, mas de outros crentes, judeus, mulçumanos, budistas, e também os não crentes, os indiferentes; pois temos campo comum para caminhar. Limitar-se-á para uma melhor explanação deste ensaio, tomar uma parcela dessa casa, a casa habitada pelos cristãos. Aqui temos outros elementos específicos que geram unidade que serão desenvolvidos não com exaustão, mas em linhas gerais, para percebermos que temos muitos motivos para caminharmos de mãos dadas, entre esses elementos: a Palavra de Deus, a invocação do Deus uno e Trino, o Batismo, as necessidades da existência humana, a oração.

A Palavra de Deus

É comumente aceito entre os cristãos que a Sagrada Escritura foi escrita sob a inspiração do Espírito Santo e, como tal, revela as verdades divinas, ou melhor, revela a verdade Divina, que é o Filho, pois toda Escritura fala-nos do Filho: o antigo Testamento como profecia e o novo como cumprimento. Com a encarnação de Jesus se inaugura os tempos messiânicos, onde vivemos a eminente espera do seu retorno definitivo, para estabelecer céus novos e terras novas.

Quando bem estudada com o mesmo Espírito que a inspirou as Escrituras levamos a um verdadeiro encontro com a pessoa de Jesus, encontro que nos move para um verdadeiro discipulado assumindo a mesma cruz e missão do mestre. O encontro com a Palavra de Deus só pode nos impulsionar ao amor ao próximo, respeito, amizade, perseverança, fé, caridade, enfim aos valores que nos une, pois são valores do próprio Cristo. Assim entendemos que ninguém é superior a ninguém, que estamos na mesma barca, caminhando ao encontro das realizações e promessas Divina.

pela unidade, cultivando-a cuidadosamente. Deveríamos minimizar as diferenças e evitar questionamentos no tocante a aspectos não essenciais. Em vez de focalizarmos aquilo que nos divide, deveríamos falar sobre as preciosas verdades que nos unem. Façamos sobre a unidade e oremos para que a oração de Cristo se cumpra. Assim procedendo, acabaremos conseguindo a unidade e a harmonia que Deus almeja que tenhamos” (Nisto cremos, p. 246).

Um encontro com a Palavra de Deus nos faz assumir os valores do reino que é comum para todos. A divisão é um contra testemunho daqueles que aderiram a Cristo, pois Cristo não se divide e não está dividido.

Um verdadeiro encontro com Cristo, através de sua Palavra, só pode nos levar ao encontro com o irmão e irmão por mais que seja diferente é irmão. Confirmando esse raciocínio, segundo Ronaldo L. Colavecchio (2005, p.227) o Evangelho nos ensina que devemos dar nossas mãos a todos que atuam em favor do avanço do Reino, mesmo que estes não nos sigam [...]. Pois quem não é contra a nós está a nosso favor.

Se assim não vejo como é possível rezar e entender o pai-nosso, se de Jesus o único Filho recebemos a filiação divina, como não posso ter os mesmos sentimentos de Cristo, pois se uma pessoa divina nos tem como irmão, sendo nós tão diferentes e pecadores, como posso eu sendo da mesma estirpe dos demais pecadores rejeitá-los como meus irmãos?! Se o diverso é causa de separação, Jesus nunca teria se tornado um de nós e nos acolhido em seu amor, dando-nos o presente de sermos chamados filhos de Deus.

Parece que a Palavra de Deus encarnada elimina toda pretensão humana de se fechar em si mesmo e serve como parâmetro para sabermos se somos seus discípulos de fato, pois é possível dizer-se cristão se não procuro com aquele que professa a mesma fé em Jesus Cristo um mínimo de diálogo? E com os mais diversos ainda como poderei conviver harmonicamente? Ser cristão para se achar o puro, o correto, o perfeito e o outro é que é impuro, incorreto, imperfeito? Não foi isso que Cristo fez, pelo contrário, essas atitudes foram veementemente combatidas por Jesus no seu tempo. Quem agia assim, Jesus os denominou de hipócritas.

Sendo assim, a Palavra de Deus é fonte que aponta para o outro com todas suas virtudes e defeitos, rejeitá-los é rejeitar o próprio Deus “pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus a quem não vê não poderá amar” (I Jo 4, 20b), e o mesmo autor sagrado vai advertir: “Filhinhos não amemos com palavras, nem com a língua, mas com ações e em verdade” (I Jo 3,18). Sobre essas ações e verdade falaremos adiante.

A Palavra de Deus, como vimos, leva-nos a um encontro com Jesus e, conseqüentemente, a um discipulado que nos faz confessar em todos os lugares que Jesus é o nosso salvador, testemunho esse que não se limita só as palavras, mas principalmente com a vida que nos leva a comprometermos com o nosso batismo que nos faz ser inseridos no mesmo corpo místico de Cristo, herdeiros das mesmas promessas, filhos do mesmo Pai; irmãos chamados a viver o amor. É pela Palavra que nos unimos, superamos as diferenças e nos esforçamos para caminharmos juntos como irmãos. É pela Palavra também que reconhecemos a unidade e a diversidade do nosso Deus, que é Uno e Trino.

Invocamos o mesmo Deus Uno e Trino

Desde as primeiras comunidades cristãs, a partir da revelação do Filho, aprendemos que o nosso Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Os crentes começam a professar a fé no Deus Uno e Trino. Na segunda carta de Paulo aos Coríntios podemos ver no seu último versículo: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós” (13, 13). É a saudação litúrgica que até hoje usamos em nossas liturgias e mostra desde muito cedo a abertura para uma compreensão do Deus trinitário. No contexto da variedade de dons, na primeira carta aos

Coríntios, vemos essa mesma referência triádica, numa mesma unidade funcional: “Recebemos diferentes dons da graça, mas um é o mesmo Espírito; e diferentes maneiras de servir, mas um é o mesmo Senhor; e diferentes modos de ação, mas um é o mesmo Deus que efetua tudo em tudo” (I Cor 12, 4-6). Vemos essa mesma referência em várias passagens no novo Testamento, como em Ef 1,13-14, outra passagem de cunho litúrgico, como também em Rm 8, passagens que colocam o Pai, o Filho e o Espírito Santo lado a lado em correlação mútua.

Não é intenção desse trabalho, desenvolver um tratado sobre a Trindade, mas simplesmente expor, tomando algumas passagens bíblicas, a fé trinitária que aos poucos vão se desenvolvendo nas comunidades cristãs e, a partir da compreensão da relação intra-trinitária aprender o caminho da unidade, isto é, ter como referência o modelo trinitário para galgar o caminho da unidade, pois a Trindade é o modelo perfeito de comunidade, que no diverso das pessoas, são unas no dar-se e no amor recíproco.

A fé no Deus Trino e Uno nos faz perceber que a diversidade é para a unidade. Nesse sentido as igrejas cristãs com suas diferenças, diversidades devem caminhar tendo como modelo o amor trinitário que dão de si para o bem do outro. Podemos perceber a partir daí que não podemos parar nas diferenças, mas no amor e pelo amor no mínimo nos esforçarmos para caminharmos juntos num mesmo ideal conduzindo os filhos rumo à casa do Pai, lá sim teremos a plena comunhão unidos a um só pastor, juntos no mesmo Pai, iluminados pelo mesmo Espírito, mas essa unidade deve ser buscada aqui no agora de nossas vidas, pois lá será potencializado o que aqui foi começado.

É preciso caminhar na busca dessa unidade. Excluir o diferente, diminuí-lo com a pretensão de sermos melhores talvez seja sinal da falta de uma verdadeira experiência com o mesmo Espírito que impulsionou Jesus, em sua oração sacerdotal, como vimos no evangelho de João: “a fim de que todos sejam um”(17, 21); “para que sejam perfeitos na unidade” (17, 23); “a fim de que o amor que me amaste esteja neles e eu neles” (17, 26).

Werbick Schneider, ao falar da oração sacerdotal, na relação com as pessoas trinitárias, vai dizer:

“O Jesus joanino roga ao Pai que os crentes sejam um entre si e um ‘em nós’, assim como o Pai está no Filho, e o Filho no Pai (17,21): o amor que faz com que o Pai esteja no Filho, e o Filho no Pai – a verdade que – deve estender-se aos crentes, para que com a verdade, tenham a vida e ‘o mundo conheça que Tu me enviastes e os amastes como também amastes a mim’(17,23)” (Schneider, 2001, p.436).

O autor vem nos mostrar muito mais que apenas um discurso, mas uma filosofia de vida, a de Jesus, que deve ser a meta de todo cristão: o amor, na verdade, que me impulsiona a unidade. Só assim se conhecerão os verdadeiros discípulos através da vivência do amor recíproco. Logo a compreensão trinitária leva-nos a uma verdadeira acolhida do diverso, logo a busca pela unidade não é opcional, mas constitutivo de todo aquele que se configurou a Cristo pelo batismo.

A comunidade cristã recebe do próprio Jesus o mandato: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). Aos poucos a compreensão trinitária se desenvolve e o Batismo que em tantas passagens dos atos era feita em nome de Jesus passa a ser em nome das três pessoas da Trindade, mas seu significado profundo permanece: unir a pessoa de Jesus Salvador. E como toda sua obra salvífica é um oferecimento de amor do

Filho ao Pai na força do Espírito Santo tem sempre um caráter trinitário. A Trindade nunca se divide e, em seu manifestar-se na História agem conjuntamente em perfeita comunhão.

O batismo cristão

Tomando um trecho da definição do ritual da iniciação cristã de adultos, podemos ver:

“O Batismo é o sacramento pelo qual os homens se tornam membros do corpo da Igreja, edificados uns com os outros em morada de Deus no Espírito, e em sacerdócio real e povo santo; é também o vínculo sacramental da unidade que existe entre todos os que são assinalados por ele” (RICA, n.4).

O Batismo para todos os cristãos nos dá uma mesma compreensão, somos inseridos no corpo místico de Cristo, unidos a Ele assumimos sua vida, comprometemos com uma vida íntegra e justa pela glorificação do Pai, na força do Espírito Santo. Como vai dizer o catecismo da Igreja Católica: “o Batismo é o fundamento de toda vida cristã, a porta da vida no Espírito” (CIC, 1213). Pelo Batismo recebemos a filiação adotiva do Pai, como também o Espírito Santo. O nosso viver, ser, agir deve ser o de Cristo, logo aqui podemos caminhar bem com as igrejas cristãs que professam o mesmo Batismo, pois assumimos juntos os compromissos com a vida de Cristo e devemos configurar nossa vida a Cristo na busca constante pela santidade.

O diferente visto nessa ótica não é tão diferente assim, pois nascemos do mesmo Pai, seguimos o mesmo Filho e recebemos o mesmo Espírito. Temos uma missão conjunta, unir as mãos para levar todos os filhos a Deus, buscando superar as diferenças e lutar pela dignidade dos filhos de Deus, socorrê-los em suas necessidades, mostrando o Deus que é amor e misericórdia.

As necessidades da existência humana

É característica de todo ser humano a dependência do outro, basta olharmos a fragilidade de um recém-nascido, que se não tiver alguém para cuidar, proteger, vestir, alimentar, não sobrevive. Essa dependência está também nas crianças, nos jovens e também nos adultos. O que seria do médico, juiz, alguém de considerada importância na sociedade, se não fosse o agricultor para preparar a terra, plantar e colher os frutos que chegam a sua mesa. O que seria das pessoas ditas independentes se não fosse as pessoas mais simples para cuidar das tarefas corriqueiras da vida, o mordomo, a cozinheira, a diarista, a babá, etc. Somos todos interdependentes, somos seres sociais, dependentes um dos outros. Os esposos precisam um do outro para cuidar da família, da educação dos filhos; os filhos precisam dos pais, dos professores; as famílias precisam dos médicos, dos farmacêuticos, dos agricultores, atendentes dos supermercados, etc.

Portanto, obtém-se dessa caracterização da vida humana, a indicação sobre o ato da humildade, o reconhecer-se necessitado do outro. O homem é um ser de necessidades e essas dizem respeito a sua totalidade, entre elas, física, biológica, psíquica, afetiva, espirituais.

No campo religioso a atitude de humildade não deve ser diferente, por mais autossuficientes que uma dada igreja possa se apresentar, ela precisa do diferente para se perceber e dar-se as mãos para resolver juntos problemas comuns a todos. Exemplo: A falta de saneamento num determinado bairro afeta a todos, independentemente de religião, se uma dada parcela, igreja, reivindica os direitos do povo junto aos órgãos públicos é uma coisa, se todas as igrejas se unem nesse mesmo ideal, é outra coisa, pois como aqui se aplica bem o ditado popular: “a união faz a força”. Divididos somos mais frágeis e poucas serão as conquistas.

E os problemas das drogas, prostituição, fome, também não exige as mãos unidas? Ou isso só é um problema para os católicos? Ou é só esperar pelo salvador da pátria que surja das urnas? E no espiritual é diferente? A depressão, o mal do século só atinge uma certa denominação religiosa, ou é problema comum a todos?

Nenhuma igreja tem todas as soluções para todos os problemas espirituais. Não podemos permitir que as instituições, por mais séria que sejam e, não tenho dúvida da seriedade da minha Igreja, seja maior do que o que nos une. Precisamos um dos outros. As necessidades da humanidade exige de nós caminharmos juntos, superando as diferenças, sem perder a identidade de cada um, todos rumo à casa do Pai. Esse é o desejo de Deus para os homens, caminhar de mãos dadas. Se os inimigos não posso rejeitar, quanto mais os irmãos na fé. É exigência do Reino, é dever de todo cristão.

As necessidades, assim, são um campo que nos estimula na busca do Ecumenismo, pois impulsiona-nos a focar mais no que nos une do que o que nos divide, pois algo mais profundo grita no íntimo de cada homem, a necessidade do outro, pois só Deus é absoluto e se basta, nós ao contrário, não somos nada sem o outro e, principalmente sem o Outro absoluto que é Deus.

Ter essa postura de humildade nunca vai ser fácil, pois somos marcados em nossa história pelo pecado original que nos impulsiona a sermos autossuficientes, orgulhosos, individualistas, cheios de si. Por isso precisamos da graça de Deus para nos ajudar nesse processo de conversão e a oração nesse sentido é uma atitude de sempre se pré-dispor a essa graça que nos conduz a verdadeira realização humana, que passa sempre pelo esvaziamento de si, atitude constante dos discípulos amantes da cruz.

Oração

“Estando em certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu: ‘Senhor ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos’”(Lc 1, 1). Todos os discípulos de Cristo devem trazer esse mesmo desejo de oração, como necessitados de oração, alimento do homem espiritual. Diante desse pedido, o próprio Jesus nos ensina como devemos rezar, oração essa assumida por todas as igrejas cristãs, a oração do Pai-nosso. Nessa oração aprendemos a chamar Deus de Pai, logo somos irmãos. Pedimos juntos o perdão de Deus e nos comprometemos com o perdão ao próximo. Pedimos juntos o pão nosso de cada dia, somos objetos da mesma providência Divina.

O fato de buscarmos o mesmo Deus, em oração, entrar em sua intimidade deveria levar-nos pelo menos a uma atitude de reconciliação, de aceitação do outro que é dom do mesmo Pai. Quando rezamos juntos queremos apenas sermos nós mesmos diante de Deus, sem máscaras e falsidades e aí diante de Deus aprendemos que todos somos iguais, alvos

da mesma salvação, tendo o mesmo sentimento de Cristo, sendo um, como família de Deus.

João Paulo II vai dizer: “O amor é a corrente mais profunda que dá vida e infunde vigor ao processo que leva à unidade” (Ut unum sint, n.21).

Se a exigência cristã nos impulsiona a amar até nossos inimigos quanto mais nossos irmãos na fé?! Superar todas as barreiras da divisão só é possível na oração comum, alimento da vida cristã, força para vivermos no amor. O Pai-nosso nos ensina a unirmos as mãos e dirigir as preces ao mesmo Pai, que ama indistintamente cada filho.

Dom Manoel João Francisco, presidente da CONIC, conselho nacional de igrejas cristãs no Brasil, por ocasião da semana nacional de unidade dos cristãos em maio de 2013 vai dizer nessa mesma linha do que se está sendo dito:

“O Ecumenismo, se não tiver uma espiritualidade, não caminha. Ele tem que partir da graça de Deus que toca o coração de todos nós, cristãos católicos e os de outras igrejas, e nos chama a viver com Ele e Nele. Quanto mais próximos de Cristo estivermos, mais unidos também estaremos”

Nesse mesmo pensamento comunga o Vaticano II, no decreto *Unitatis Redintegratio*, ao dizer: “Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecumênico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual” (UR, 8). E também: “Tais preces comuns são certamente um meio muito eficaz para impetrar a unidade. São uma genuína manifestação dos vínculos pelos quais ainda estão unidos os católicos com os irmãos separados” (Idem).

De tudo isso que já foi dito, percebemos que a oração deve estar na base de todo ecumenismo, pois é desejo primeiro de Deus que sejamos um, e na oração entramos em sintonia com o coração de Deus. A oração é o fio condutor que move e impulsiona todo diálogo e ação no caminharmos juntos. Ecumenismo e oração comum devem caminhar juntos.

CONCLUSÃO

Tomando uma passagem da *Lumen Gentium* percebemos o caráter ecumênico do Vaticano II:

“Todos os homens são chamados a esta unidade católica do Povo de Deus, a qual anuncia e promove a paz universal; a ela pertencem de vários modos, ou a ela se ordenam, quer os católicos, quer os outros que acreditam em Cristo, quer finalmente todos os homens em geral, pela graça de Deus chamados à salvação.” (LG, n.13).

Nunca vai ser fácil o caminho do diálogo, da aceitação do outro e até de nós mesmos, pois ao lançarmos um pouco o olhar sobre nós mesmos percebemos que não temos só beleza, temos feiura também.

Vemos o mundo a partir de nossa ótica e, não pode ser diferente, como podemos ver a beleza nos outros a partir de uma lente opaca, ofuscada, que é a nossa lente de visão? Aqui reside a maior dificuldade, o maior empecilho que empaca não só o Ecumenismo,

mas todas as relações humanas. É preciso purificar as lentes de nossa visão para aí vermos o mundo com outros olhos.

Para reforçar essa compreensão podemos contemplar a vida de Jesus e percebermos sua visão de mundo e, conseqüentemente adentrar em suas lentes. Nada foi empecilho para Jesus se aproximar do irmão, até quando pegava pesado principalmente os que se achavam donos da verdade, as autoridades religiosas, era para regatar de sua ignorância. Diante dos humildes, dos pobres de Deus, erguia, curava, perdoava, devolvia a dignidade dos filhos de Deus. Jesus veio unir o que estava disperso, só fez o bem e, mesmo sendo o todo puro nunca se afastou dos pecadores, dos impuros. Daí percebemos por suas ações que sua lente ocular não tinha nada de opaco, pois em tudo era transparente, verdadeiro, encantador e, não tinha como não ir ao seu encontro, pois sua vida falava da beleza de Deus. Sua vida mostrava a quem o escutava e o via, a beleza da sua própria vida. Jesus transmitia o céu onde passava

Tudo isso para dizer que a nosso modo de ver o mundo tem que passar por uma contínua purificação, caso contrário, veremos sempre o que há de pior no outro e isso será sempre uma barreira intransponível para ir ao seu encontro. A unidade dos cristãos só é possível a partir da graça de Deus que purifica nossas visões e nos faz reconhecer o que o outro tem de melhor e isso nos aproxima do diferente tem em comum a mim a mesma condição de pecadora e a mesma filiação divina.

Logo o caminho de unidade é um dom de Deus, uma graça, mas também é fruto do esforço humano que é a nossa contribuição no desejo de Deus. Nessa mesma linha de pensamento de acordo com Joseph Ratzinger em seu livro: Jesus de Nazaré, diz:

“Foi por isso que Jesus rezou: por uma unidade, que só é possível a partir de Deus e por meio de Cristo, mas uma unidade que aparece de modo tão concreto que se torna evidente a força presente e operante de Deus. Por isso, a fadiga em prol de uma unidade visível dos discípulos de Cristo permanece uma tarefa urgente para os cristãos de todos os tempos e lugares” (Ratzinger, 2011, p.95).

Por isso a insistência desse trabalho naquilo que nos une: a Palavra de Deus, a fé no Deus Trino, o Batismo, as necessidades da existência humana e a oração comum. Sem refletir sobre essas vias é impossível transpor as barreiras dos preconceitos, nem tão pouco se deixar interpelar por Deus para que sejamos um.

É um caminho desafiador, mas que deve ser trilhado por todo discípulo obediente a voz do bom pastor e aí sim, receber do mesmo bom Pastor as graças necessárias para caminharmos juntos, impulsionados pelo Espírito, rumo à casa do Pai, onde lá seremos um só rebanho e teremos um só pastor.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2002.
CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1997.
COLAVECCHIO, Ronaldo L. **O Caminho do Filho de Deus** – Jesus no Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2005.
PAULO VI. Constituição Dogmática “**Lumen Gentium**” – Sobre a Igreja. São Paulo: Paulus, 1997.

Paulo VI. Carta Decreto “**Unitatis Redintegratio**”- Sobre o Ecumenismo. São Paulo: Paulus, 1997.

PAULO VI. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAULO II, João. **Carta Encíclica “Ut Unum Sint”** – Sobre o Empenho Ecumênico. São Paulo: Paulus, 1995.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré** – Da Entrada de Jerusalém Até a Ressurreição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

SCHNEIDER, Theodor. **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012.